

UMA OPÇÃO PELA EDUCAÇÃO POPULAR

(GROSSI, E. P. A CORAGEM DE MUDAR EM EDUCAÇÃO. PETRÓPOLIS: VOZES, 2000)

Mari Elisa Pinto¹

ESPERAVA-SE que um livro escrito por uma militante petista sobre Educação partisse de um certo proselitismo ideológico, acima do pedagógico. Não é o caso de Esther Grossi com seus 40 anos de compromisso com a pesquisa e a ação em educação, além do compromisso interno e externo com o Partido dos Trabalhadores. Doutora em Psicologia da Inteligência pela Universidade de Paris, com mais de uma dezena de livros publicados, atualmente exerce seu segundo mandato como Deputada Federal. Foi também Secretária de Educação de Porto Alegre de 1989 a 1992 e é sobre essa experiência que trata especificamente o livro.

A coragem de mudar, como ela realça na obra aqui resenhada, foi o slogan da primeira gestão do PT na Prefeitura de Porto Alegre e coube a Esther concretizar esse desafio na área da Educação. A ex-secretária deixa explícito que tal slogan não corresponde a uma proposta do partido ou das esquerdas, tanto que não se sustentou sequer na segunda administração petista na capital gaúcha. A coragem (ou ousadia) a destacar neste instante é a da deputada, quando faz a crítica ao próprio partido, as esquerdas e a direita, denunciando o discurso vazio de que a educação é a base de todo o bem estar, compartilhando assim da constatação do fundador do Partido Comunista italiano, Antonio Gramsci, que já em 1919 acusava tanto a direita quanto esquerda de não terem propostas pedagógicas.

Segundo dados publicados no caderno especial sobre analfabetismo da *Folha de S.Paulo* de 27.03.01, este é um país de 15 milhões de analfabetos com idade igual ou superior a 15 anos, o que representa 13,3% da população. Soma-se a isso, 24,3% de

¹ Aluna do Programa de Mestrado em Educação na Uniso.

analfabetos funcionais (aqueles que não completaram os 4 primeiros anos do ensino fundamental).

A respeito disso, duas correntes discutem no Brasil a relação de causa e efeito entre educação e crescimento econômico. De um lado estão os que afirmam que o aumento da escolaridade seria essencial para a redução das desigualdades sociais. De outro, encontram-se os que asseveram que a desigualdade no Brasil tem causas mais complexas, que não podem ser reduzidas ao fator educação.

Esther Grossi, coloca-se francamente contra a primeira posição: “a educação de todos, nem mesmo a alfabetização de todos, não é fator decisivo para o aumento do PIB ou da aceleração do desenvolvimento econômico”. Baseada em estudos estatísticos da Fundação Getúlio Vargas, ela acrescenta que crescer cognitivamente não produz, nem a curto nem a médio prazo, uma mudança significativa no poder aquisitivo, já que o grau de instrução só influi positivamente nos salários a partir do final do ensino médio. Outros estudiosos dessa problemática, alegam ainda, que um aumento no nível de educação, apenas deslocaria o problema do desemprego e da má distribuição de renda para uma população mais educada. O caso da Argentina é ilustrativo. Nesse país, a taxa de alfabetização é de 96,7% e o desemprego atinge 14,7% dos argentinos.

Recentes estudos sobre a década de 90 concluem que o processo de concentração de renda nunca foi tão veloz, o que nos leva a comprovar que a opção pela política centrada no mercado e na saúde do sistema financeiro, utilizam o discurso falacioso em prol da educação, para preservarem suas políticas econômicas das críticas que enfatizam a concentração de renda.

Nisto reside, a meu ver, o ponto central abordado no prólogo do livro em pauta. Mas é a partir do relato da experiência da coordenação da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (considerada pela Unicef como um exemplo de trabalho árduo, sério e conseqüente para mudar o triste perfil da educação fundamental brasileira), que a autora vai apresentar uma política educacional claramente determinada a aprendizagem efetiva de alunos em escolas localizadas em bairros populares. Porto Alegre consolidou-se nesse período como um pólo de convergência de debates e de construção do pensamento pedagógico para a educação popular.

Herdeira do construtivismo, mas sempre insubmissa, o trabalho de Grossi constitui na defesa para além das teorias de Vigotsky, Piaget e Wallon, numa metodologia que recebe o nome de pós-construtivismo. A autora esclarece que fez a substituição do termo construtivismo pós-piagetiano, por esse novo termo, justificando que essa abordagem sobrepõe Piaget. Ainda que passível de ser discutida, essa metodologia é o eixo temático, presente na maioria dos textos reunidos no livro em questão.

A proposta pós-construtivista tem como princípios básicos: a inteligência como um processo, não como um dom; a aprendizagem essencialmente perpassada pelo outro, pelo grupo, pelo social e não concebida como atividade individual; que aprende-se resolvendo problemas e não colecionando informações; que aprende-se a partir do mergulho amplo nos elementos que interessam a um problema e não memorizando linearmente pedaço por pedaço dos conteúdos e ainda que a aprendizagem é contínua em todos os momentos do dia-a-dia e a escola incorpora o que vem das experiências fora dela.

Para se ter uma idéia, os índices de alfabetização e aprovação nas escolas municipais de Porto Alegre, não adotando essa proposta didático pedagógica, eram ambos em 1988, de 63% e com a adoção do pós-construtivismo, esse índice foi modificado para 90% em 1992. Quanto a evasão escolar, outra das preocupações centrais da secretária naquele momento, reduziu de 8.63% em 88 para 0.28% em 92.

Outra das prioridades do plano de governo da Administração Popular para a educação era o pleno acesso à escola no âmbito da competência municipal. Tal prioridade encontra coerência na convicção da deputada de que a escola, por mais defeitos que tenha, ainda não encontrou substituto como local de reconstrução de toda a bagagem científica e cultural que a humanidade vem produzindo em sua trajetória.

Ainda comparando os dados do ano anterior ao início de sua gestão, dos 18.000 alunos atendidos pela rede municipal em 1988, ao término de 1992, a rede de ensino atendia 32.500 alunos. O número de estabelecimentos foi ampliado de 32 para 60 escolas, todas localizadas nos bairros mais pobres da cidade. Há de se destacar as escolas municipais Jean Piaget e Anísio Teixeira, cuja arquitetura foi concebida dentro da proposta pós-construtivista (no capítulo 3 do livro é relatada uma visita guiada a uma dessas escolas, apresentando cada espaço dessa nova concepção de prédio escolar).

Um dos pontos mais criticados da gestão de Esther Grossi foram os eventos pedagógicos realizados durante os 4 anos de sua permanência à frente da Secretaria de Educação. Tratava-se, segundo ela, de dar aos envolvidos nas tarefas de ensinar acesso às teorias mais qualificadas disponíveis sobre o ensinar e o aprender. De 89 a 92, os professores, equipes diretivas, pais e funcionários da rede de ensino tiveram a oportunidade de ouvirem e debaterem com Paulo e Madalena Freire, com a pesquisadora argentina Emilia Ferreiro, Frei Betto, Sara Paín, entre outros. O último evento, o "Seminário Internacional sobre Aprendizagem", reuniu 7.000 professores no Ginásio Tesourinha e nessa oportunidade o filósofo francês Edgar Morin, via satélite, falou sobre os aspectos filosóficos do construtivismo pós-piagetiano em um telão, diretamente de Paris.

Esses eventos pedagógicos foram caracterizados por alguns segmentos do PT, de ter como objetivo a promoção de "puro marketing". Como se nota, a secretária enfrentou resistência dentro do próprio partido e segundo ela, a realização de seu projeto educacional não deixou de ser criticado também pelas oposições partidárias, pela comunidade viciada no clientelismo e na visão paternalista do Estado, pela imprensa comprometida com grupos e com o status quo, além claro, de uma sociedade tradicional e por isso resistente a qualquer mudança. Essa é mais uma das palpitantes discussões oferecidas ao leitor nessa reunião de textos que socializa a experiência da coordenação de uma rede municipal de educação, textos esses muitas vezes redundantes e que não respeitam uma cronologia, o que pode causar uma certa irritação no leitor.

O mais importante, porém, é que Esther Grossi incomoda, provoca, polemiza. É preciso reconhecer que a deputada ajuda a elevar o nível do confronto de idéias no campo educacional. Ela tentou em sua administração concretizar a escola pública de qualidade que defendemos e sonhamos. Tentou desmontar a hipótese da classe dirigente de que as classes populares são incapazes de aprender. Se ainda não conseguimos a revolução que a educação está a exigir é porque não temos essa coragem de mudar e talvez esse seja o sentimento que a leitura desse livro deixa.

